

**A CRIAÇÃO DE VÍDEOS COMO INSTRUMENTO PARA
DIVULGAÇÃO CONTRA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**
FILMMAKING TO DISSEMINATE IDEAS AGAINST LINGUISTIC PREJUDICE

Ricardo Joseh Lima
UERJ

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta de como abordar a divulgação de ideias a respeito do preconceito linguístico. Muito já se tem escrito sobre esse tema, o que pode terminar gerando um canal de comunicação com a sociedade. No entanto, casos como a “polêmica do livro didático”, acontecida em maio/junho de 2011, têm mostrado que esse canal ainda é bastante incipiente, se tanto. A produção de vídeos pode ser vista como um instrumento alternativo para estimular novos canais de comunicação entre a academia e a sociedade. Pontos positivos e dificuldades intrínsecas desse tipo de instrumento são ressaltados nesse artigo, além de considerações de caráter geral sobre a atividade de divulgação de ideias linguísticas. Pretende-se demonstrar que duas linhas de ação distintas podem se encontrar e uma beneficiar a outra, gerando uma terceira linha de ação, voltada para divulgação linguística com base em recursos multimídias.

Palavras-chave: Sociolinguística; Preconceito Linguístico; Divulgação Científica; Vídeos.

Abstract: This paper aims to present a proposal on how to deal with the popularization of ideas concerning linguistic prejudice. There is already a considerable literature on the issue, reflecting the interest of the scientific community in creating a channel to communicate its ideas with society. However, events such as the polemics involving a didactic book have shown that, in spite of the interest, the channel created may not be regarded as efficient. The production of videos may be seen as an alternative instrument to stimulate the creation of new

channels of communication between the scientific community and society. Positive aspects and difficulties intrinsic to this kind of instrument are stressed in this paper, altogether with considerations of a general nature about the activity of popularization of linguistic ideas.

Keywords: Linguistic prejudice; Scientific Popularization; Videos; Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, temos como objetivo apresentar uma proposta de união de duas linhas distintas de ação. Argumentaremos que, apesar de manter sua autonomia, cada linha pode contribuir para o desenvolvimento da outra e que sua união resultará em uma nova linha de ação, que primará por seu ineditismo.

O preconceito linguístico é um tema ao qual se dedicam vários linguistas. Dentre eles, podemos destacar Bagno (1999, 2008), Scherre (2005) e Possenti (2009). De algum modo, podemos denominar esses linguistas como representantes da classe²¹, uma vez que ideias como a inferioridade de uma norma em relação à outra não apenas são consensuais na área como também é consensual o desejo dos linguistas de ver ideias como essas derrubadas em nossa sociedade. Daí a denominação de “representantes da classe”,

²¹ O sentido de “representantes da classe” não é de que ambos representem a academia em seu pensamento majoritário, mas simplesmente representam porque são os mais visíveis na mídia e os que mais se expõem na academia sobre o assunto.

pois as obras citadas se dirigem não a um público especializado, mas a todo e qualquer leitor interessado no tema.

A criação de vídeos como auxílio no processo de ensino e aprendizagem vem ganhando força nos últimos anos. Isso se deve a fatores como maior facilidade de lidar com máquinas e softwares e o desejo de tornar as aulas mais próximas da realidade do aluno. Já há vários trabalhos publicados mostrando os benefícios da inserção de materiais multimídia em sala de aula (Theodosakis, 2001 e Thompson, 2010). Podemos contar também com experiências na área de Linguística (Squires & Queen, 2011), o que demonstra que essa linha de ação está alcançando várias áreas do conhecimento.

Apresentadas as duas linhas distintas, chegamos ao momento de encaminhar uma proposta de sua união: se é preocupação dos linguistas disseminar ideias contra o preconceito linguístico e se há trabalhos voltados para a adequação dos vídeos como instrumentos de divulgação e ensino-aprendizagem, então é plausível que se pense utilizar os vídeos como instrumento de divulgação contra o preconceito linguístico. Pretendemos aqui que essa ideia, que vem sendo germinada em nossa prática docente nos últimos anos, ganhe impulso quando for pensada de modo estruturado e a médio e longo prazo.

Estaremos, assim, aptos a cumprir o desafio proposto por Saussure, logo na abertura do Curso?

Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? (...) não há domínio onde tenha germinado ideias tão absurdas, **preconceitos**, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; **a tarefa do linguista, porém, é, antes de tudo denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível.** (Saussure 1969, p.14) (grifo nosso)

A fim de verificar a resposta para a questão lançada, descreveremos na próxima seção os principais trabalhos e suas preocupações a respeito do tema do preconceito linguístico. Na seção seguinte, abordaremos questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem e à divulgação que são pertinentes à criação de vídeos. Após, dedicaremos uma seção à apresentação de experiências já realizadas com vídeos que focalizaram o tema do preconceito linguístico. Propostas, encaminhamentos e discussões são expostos na seção que encerra o artigo.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE TEM SIDO FEITO CONTRA ELE? COMO TEM SIDO FEITO?

O fenômeno do preconceito linguístico é amplamente conhecido pela comunidade acadêmica. A citação de Saussure, na Introdução, contém a expressão “preconceitos” e

pode-se imaginar, portanto, que a linguística enquanto ciência detectou esse fenômeno há quase cem anos. Com o surgimento da Sociolinguística, nas décadas de cinquenta e sessenta do século passado, ganha impulso a luta contra esse tipo de posicionamento social. O estudo da variação linguística e o objetivo de demonstrar que toda variação obedece a uma lógica, o que desmonta o argumento de um dialeto ou norma ser inferior a outro, são refletidos em estudos e trabalhos como os de Charity (2008) e de Wolfram (2000). O título do primeiro trabalho é bastante significativo a esse respeito (“Linguists as agents for social change”²²) e uma citação do segundo revela a mesma linha de ação: “Two concerns should lie at the heart of public education about language: truth and equity.”²³

No Brasil, a obra impactante de Marcos Bagno “Preconceito linguístico: o que é? como se faz?”, publicada em 1999, trouxe à tona para a sociedade a visão da Sociolinguística sobre temas como os conceitos de “certo” e “errado” e mitos sobre quem fala melhor o Português. Escrito em uma linguagem acessível e de modo bastante direto e panfletário, o livro tem se disseminado em cursos de graduação e de formação de professores, sendo amplamente conhecido por estudantes de Letras. “A Língua de Eulália”,

²² “Linguistas como agentes para mudanças sociais”, tradução minha.

²³ “Duas preocupações deveriam estar no centro do ensino público sobre língua: verdade e igualdade”, tradução minha.

publicado em 1997 pelo mesmo autor, trata dos mesmos temas utilizando-se de uma narrativa ficcional. Também é uma obra bastante conhecida no meio acadêmico e objetivou ampliar o público de interesse para o assunto. Por fim, podemos citar “Doa-se lindos filhotes de poodle”, de Scherre (2005), como mais um exemplo de livro escrito para divulgar ideias da Sociolinguística a respeito da variação linguística e como a mídia aborda o preconceito linguístico (não é outro o subtítulo do livro se não “variação, mídia e preconceito”).

Essas e ainda outras obras que poderiam ser citadas demonstram o interesse do meio acadêmico em divulgar trabalhos, argumentos científicos e opiniões contra o preconceito linguístico. No entanto, por mais que essas iniciativas sejam louvadas e que se reconheça o sucesso de algumas delas (como no caso do livro “Preconceito linguístico: o que é, como se faz”, que vendeu centenas de milhares de cópias), seria necessário realizar uma análise do alcance desse material para fora dos meios acadêmicos, para se verificar se o ideal de divulgação de ideias linguísticas foi atingido. Não parece haver estudos consistentes sobre esse tema e apenas de modo indireto poderíamos averiguar esse alcance. Ora, o evento midiático que pode ser denominado “polêmica do livro didático”, acontecido em junho de 2011, pode ser um instrumento para essa análise. Nesse evento, a mídia, em suas variadas formas, expressou e veiculou expressões de desconhecimento de princípios básicos como os conceitos de variação e de norma, além de não demonstrar a percepção de

como esses conceitos podem ser trabalhados em sala de aula. A rejeição extremada à inserção do trabalho da norma não padrão em um livro didático²⁴ que deve veicular a norma padrão levou a demonstrações explícitas de tudo aquilo que os linguistas convencionaram chamar de preconceito linguístico.

Poderíamos dizer, sem medo de hiperdimensionar o evento, que tal avalanche de informações, opiniões e discussões preconceituosas colocou em xeque todos os esforços realizados de divulgação da linguística fora dos meios acadêmicos. O que poderia explicar esse nosso fracasso de comunicação? Por que uma discussão tão consensual e difundida no meio acadêmico não havia ganhado espaço fora dele? Tais perguntas merecem uma análise aprofundada, mas desde já apontamos para um caminho que pode esclarecer o porquê dessa situação: o meio utilizado para a divulgação da mensagem (o preconceito linguístico deve ser combatido) pode não ter sido o mais adequado. Afinal de contas, os trabalhos citados acima são todos livros, que têm circulação restrita devido ao preço, a questões de direitos autorais, além do tipo de linguagem utilizada, a acadêmica. Seria possível, portanto, explorarmos algum meio alternativo de divulgação desse tipo de mensagem? É o que começamos a fazer na próxima seção.

²⁴ Foram casos como “Os livro” e “os menino pega o peixe”.

LUZ, CÂMERA, AÇÃO: A PRODUÇÃO DE VÍDEOS E SEUS ALCANCES

O meio alternativo a ser explorado nesse trabalho é o vídeo. Nessa seção, abordaremos os benefícios de se utilizar esse meio a partir de três perspectivas: a do aluno, a do professor e a da divulgação. As ideias veiculadas a seguir vêm dos trabalhos de Theodosakis (2001) e Thompson (2010) citados na Introdução, cujos conteúdos principais estão apresentados abaixo.

É notória a dificuldade dos alunos ingressantes em um curso de Letras em lidar com a produção acadêmica escrita. Muito mais facilidade eles possuem para manejar outros tipos de produção, e a produção em vídeo é uma delas. Por estarem em contato o tempo todo com esse tipo de material, eles se sentem mais à vontade em realizar trabalhos em vídeo. Desse modo, eles podem exercer sua liberdade criativa, elaborando trabalhos sem precisarem estar presos a amarras acadêmicas. Uma consequência positiva é a aproximação do aluno com o conteúdo da disciplina, uma vez que não se exige um tipo de produção que ele não domina, o que pode levá-lo ao fracasso, mas sim um em que ele consegue se expressar de modo mais autêntico. Sem perceber, o aluno está entrando em um mundo de desenvolvimento de habilidades em que a figura do professor desempenhará um papel muito importante.

Todo professor que leciona Linguística para alunos ingressantes em um curso de Letras parece também possuir uma notória dificuldade: a de despertar o interesse desses

alunos pelo conteúdo das correntes teóricas da Linguística²⁵. A produção de vídeos por parte dos alunos, uma vez que, como visto acima, é um atrativo para eles, pode servir também para o professor atrair os alunos para esse conteúdo. Uma vez realizado esse movimento, pode-se explorar outros efeitos benéficos da prática com vídeos. O primeiro está diretamente relacionado com a dificuldade dos alunos ingressantes com a produção acadêmica escrita. Produzir um vídeo significa lidar de vários modos com a escrita. É necessário criar um roteiro, trocar ideias com outros componentes do grupo que elabora o vídeo e também pensar nas falas dos personagens. São vários níveis de escrita envolvidos, o que pode ser encarado como um convite à reflexão sobre esses níveis, incluindo o acadêmico. Mesmo que não inserido diretamente na produção do vídeo, esse nível pode ser introduzido ao aluno e a partir daí se iniciar o processo de conhecimento e domínio das exigências que esse nível demanda. Além disso, o processo de avaliação de vídeos pode envolver uma série de etapas que podem ampliar o alcance desse tipo de produção. Assim, por exemplo, criatividade pode ser um critério de avaliação. Ainda que subjetivo, faz com que o aluno explore possibilidades de realização não antes imaginada. A apresentação de relatórios com as etapas de produção do vídeo cria um compromisso do aluno com esse processo, além

²⁵ Tal informação deriva da experiência acadêmica do autor e pode ser confirmada por seus colegas de trabalho. Os manuais introdutórios de linguística produzidos por várias editoras fazem comentários nesse mesmo sentido

de mais uma vez criar espaço para a produção escrita. Considerar a qualidade do vídeo como critério de avaliação vai levar o aluno a ter mais cuidado na elaboração e edição do material, outras habilidades sendo desenvolvidas. Por fim, pode-se eleger como critério de avaliação o impacto que o vídeo pode ter em um público mais amplo. Nesse ponto, passamos a explorar a produção de vídeos a partir de uma nova perspectiva.

Um vídeo como produto para divulgação de ideias possui diferenças marcantes em relação a um livro que tenha o mesmo propósito. Sua circulação será bem mais ampla, uma vez que pode ser acessado com o uso da Internet; pode ser copiado e reproduzido, sem violar restrições de direitos autorais; o acesso é gratuito, ao contrário de livros, que podem chegar a custar R\$ 40,00 cada um. Além disso, há a diferença na “linguagem” utilizada pelos dois meios. Enquanto o livro se prende a uma linguagem mais acadêmica, respeitando as exigências formais desse gênero, o vídeo tem uma linguagem mais livre, acessível a vários públicos. A produção de vídeos por alunos pode ter um papel relevante na divulgação de ideias da Linguística a respeito de temas como o preconceito linguístico.

Esse é o ponto em que as “duas paralelas se cruzam”. De um lado, a preocupação de linguistas em divulgar informações para a sociedade a respeito de seu trabalho e de perspectivas novas sobre temas como variação, ensino e

preconceito linguístico. De outro lado, a produção de vídeos como instrumento de auxílio no processo de ensino-aprendizagem desses mesmos temas e como um meio de divulgação eficaz. Unir esses dois caminhos é a proposta desse trabalho. Não fossem apenas as vantagens que esse meio apresenta em relação à divulgação, vimos também aspectos positivos para quem estimula (o professor) a produção e para quem a realiza (os alunos). Essa combinação de aspectos positivos faz com que a produção de vídeos relacionados ao tema do preconceito linguístico mereça algum destaque quando se põe em consideração a busca de meios para divulgação de ideias linguísticas.

Como seria, na prática, a união da produção de vídeos com a luta contra o preconceito linguístico? Que experiências podem ter sido realizadas e que análises podem ser feitas para que futuros projetos aprendam com os erros do passado e consigam almejar metas mais ambiciosas? Essas e outras questões serão abordadas e respondidas na seção seguinte.

VÍDEOS CONTRA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE TEM SIDO FEITO? COMO TEM SIDO FEITO?

As experiências que têm sido realizadas com o intuito de apresentar ideias de combate ao preconceito linguístico através do meio de divulgação do vídeo tiveram início em 2007 e desde então têm sido recorrentemente realizadas. Nesta seção, será descrita a experiência inicial e mais três outras que se seguiram nos anos posteriores.

“E se o Brasil fosse assim?” foi um vídeo realizado por alunos do primeiro período de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) do segundo semestre de 2007. A intenção principal do vídeo era causar impacto com a troca de posições das normas padrão e não padrão em seus ambientes de uso. Assim, por exemplo, a fictícia apresentadora do “Jornau Nassionau” utilizava expressões como “nós vai” e “os telespectador”, enquanto um camelô comentava uma notícia utilizando expressões de acordo com a norma padrão. Não bastasse o impacto causado pela inversão, as notícias discutidas no telejornal apresentado no vídeo giravam em torno dos conceitos de “certo” e “errado”. Um advogado criticava o uso de “expressões erradas” como “nós vamos”, e “os meninos” enquanto um professor criticava quem falava “flamengo” em vez de “framengo”.

Essas notícias, portanto, criariam um pano de fundo para uma discussão mais ampla a partir da exibição do vídeo. A inversão de papéis entre norma padrão e norma não padrão do modo que foi apresentado apenas aparentemente “resolvia” o problema do preconceito linguístico e da não aceitação de registros distintos do padrão. Afinal de contas, a nova realidade era que a norma não padrão havia se transformado na norma padrão e com isso todos os preconceitos que existem na nossa realidade foram transportados para essa nova realidade. A aceitação de formas da norma não padrão não pode, portanto, passar pelos mesmos problemas de sua não aceitação. A inversão pura e

simples de papéis não garantiria o fim do preconceito linguístico.

Esse tipo de discussão gerado por esse vídeo poderia ainda se estender e se ampliar por outros vieses. A capacidade de estimular discussões pode ser considerada o principal ponto positivo do vídeo, em contrapartida ao principal ponto negativo, que é a qualidade de som e imagem. Realizado com equipamentos simples e editado em programas básicos, sem legendas, há dificuldade de compreensão de certas passagens além do volume estar o tempo todo baixo. Isso prejudica a disseminação e uma adequada apreciação do vídeo, que, como apontado acima, tem seu valor por ser capaz de gerar discussões a respeito do tema do preconceito linguístico.

Durante os anos seguintes, foram feitos esforços para que os vídeos suprissem as falhas técnicas e tivessem uma qualidade superior. Como resultado, diversos vídeos que atendiam ao critério de qualidade foram criados. O vídeo de maior destaque é “Menas como você nunca viu” (<http://www.youtube.com/watch?v=N3ER9CjLwt0>), que passará a ser descrito a seguir.

O vídeo é resultado de um projeto informal de análise da exposição “Menas”, apresentada pelo Museu da Língua Portuguesa, em 2010. Focalizando a variação linguística e expressões não padrão, a exposição procurou mostrar aos visitantes a diversidade da língua portuguesa ao mesmo tempo em que se convidava a refletir sobre os significados da

diversidade. Se tomarmos o tema do preconceito linguístico como critério de análise, é possível perceber que a exposição não se aprofundou em uma discussão que poderia ter sido abordada (ver Antunes & Lima, a sair, para uma crítica detalhada). A partir daí, surgiu a ideia de utilizar a expressão “menas” como ponto de partida para a realização de um vídeo que desse seqüência às ideias da exposição, mas que ao mesmo tempo fosse mais enfático ao abordar o tema do preconceito linguístico. Paralelamente, descobriu-se que essa expressão era tema de um vídeo da série “Orto e Grafia”, veiculada pela TV Escola. Nesse vídeo, a expressão “menas” era combatida pelos personagens, que diziam que ela “dói no ouvido” e que “menas não existe”.

O vídeo “Menas como você nunca viu” une uma resposta ao vídeo da TV Escola e uma seqüência à exposição do Museu da Língua Portuguesa. Na primeira parte, um teatro de fantoches é apresentado em que os personagens utilizam expressões da norma não padrão além de “menas”, como “a gente vamos”, “nós vai”, entre outras. Ao final do teatro, apresenta-se a ideia de que nenhuma dessas expressões está errada, que cada uma possui uma lógica e que considerar algo que não se sabe que tem uma lógica como errado seria preconceito. Na segunda parte, no estilo da exposição, uma voz em *off* narra uma possível explicação para a existência da expressão “menas”: o paralelismo com as formas “muito” e “pouco” quando antecedem substantivos (“muita manteiga”, “pouca manteiga”, “menas manteiga”). Com esquemas,

tabelas e utilizando uma linguagem bem acessível, o recado do vídeo é passado: expressões da norma não padrão possuem uma lógica e não deveriam ser taxadas como erradas. Esse vídeo foi realizado por alunas do sétimo período de Letras da UERJ, no primeiro semestre de 2011.

Uma questão que permeou a produção de vídeos nesses anos foi a do tempo de duração. Uma vez que há uma série de ideias a serem veiculadas, a tendência é utilizar um tempo que dê conta de apresentá-las de modo adequado. Com isso, o vídeo de 2007 tinha cerca de dez minutos, assim como outros não descritos neste trabalho. Uma preocupação que acompanha essa questão é a de saber se a duração do vídeo prejudicaria sua divulgação. Quanto maior o vídeo, mais pesado é o arquivo para baixar ou assistir pela internet. Além disso, caso o interesse do espectador não seja capturado logo no início, ele pode desistir de ver o restante sabendo que ainda haveria muitos minutos pela frente. O vídeo “Menas como você nunca viu” dura cerca de cinco minutos e já se apresenta mais adequado para dar conta dessa preocupação. Uma solução mais radical foi implantada em 2010 com a ideia do “Festival do Minuto Ling”, um evento em que vídeos de um minuto sobre o preconceito linguístico deveriam ser apresentados.

O vídeo “Twins” foi o vencedor da primeira edição do “Festival”. Realizado por uma aluna do primeiro período de Letras da UERJ do segundo semestre de 2010, o vídeo

apresenta dois gêmeos em ambientes distintos. Cada um se veste de um modo e utiliza expressões distintas para mesma forma: “praca” e “placa”. O gêmeo que veicula a expressão “placa” ri e ridiculariza o outro gêmeo. Este, indignado, literalmente joga na cara do outro gêmeo a capa dos Lusíadas, de Camões. É uma alusão ao fato de que o poeta português utilizou expressões como “ingrês” e ainda assim é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa. Os personagens não têm voz, o vídeo é apresentado em preto e branco, com uma música de fundo.

Considerando-se o tempo curto que se tinha disponível para passar uma mensagem, pode-se dizer que o vídeo é bastante bem sucedido. Entretanto, duas características presentes nele são recorrentes de outros vídeos produzidos nesse período. A primeira é a utilização de obras com restrição de direitos autorais. “E se o Brasil fosse assim?” utiliza-se de músicas como “Inútil”, do grupo Ultraje a Rigor; “Menas como você nunca viu” reproduz o vídeo da TV Escola; “Twins” utiliza uma gravação de um Noturno de Chopin. Ao mesmo tempo em que reconhecemos que é habitual vídeos utilizarem de outras obras para comporem sua estrutura, é mais forte o reconhecimento de que há legislações sobre direitos autorais que devem ser cumpridas e que violações prejudicam a divulgação de vídeos assim. A segunda característica é a utilização de termos ou conteúdos que são de domínio de um público restrito. Assim, por exemplo, só compreende o vídeo

“Twins” quem entender a relação entre Camões e os encontros consonantais com “r”.

O último vídeo a ser analisado nesta seção é “Preconceito linguístico também é preconceito” (<http://www.youtube.com/watch?v=Z7pfuC13pnY>). Realizado pelas mesmas alunas do vídeo “Menas como você nunca viu” como trabalho final de uma disciplina eletiva no primeiro semestre de 2011, o vídeo mostra várias situações de preconceito (racial e sexual) enquanto uma voz em *off* faz um comentário sobre como a sociedade lida de forma diferente hoje com essas diferenças. Assim, por exemplo, segregar negros e homossexuais foi uma prática comum; embora ainda exista preconceito racial e sexual no Brasil, entende-se, hoje, como consensual, que esses preconceitos carecem de base científica e cultural e são considerados crimes. O vídeo então apresenta uma situação de preconceito linguístico e questiona: assim como os demais, o preconceito linguístico carece de base científica e cultural. No entanto, diferentemente dos demais, não é considerado crime e não parece haver uma postura diferente da sociedade em relação a ele. Esse vídeo consegue dar conta dos problemas levantados anteriormente: tem curta duração (um minuto e quarenta segundos), não utiliza obras com restrição de direitos autorais (há uma música de fundo de criação própria dos autores do vídeo) e não menciona conteúdos específicos de domínio restrito (os temas dos preconceitos racial e sexual são conhecidos da sociedade).

Nesta seção, apresentamos algumas experiências realizadas com o intuito de divulgar ideias contra o preconceito linguístico através da realização de vídeos. Na seção anterior, foram levantados pontos positivos desse tipo de experiência e aqui além da descrição dos vídeos levantamos mais alguns pontos positivos juntamente com dificuldades inerentes a esse tipo de experiência. Na próxima e última seção, apresentaremos discussões de caráter geral sobre esse tipo de experiência, bem como apontamos perspectivas para a realização de novas experiências.

VÍDEOS CONTRA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE PODERÁ SER FEITO? COMO PODERÁ SER FEITO?

Nesta seção, retomamos alguns dos pontos levantados nas seções anteriores e os expandimos para criar dois tópicos de discussão a respeito do tema desenvolvido neste trabalho. O primeiro tópico diz respeito ao papel da linguística e do linguista em relação ao seu trabalho e comunicação com a sociedade. O segundo tópico, derivado do primeiro, aponta para as condições de produção de vídeos de combate ao preconceito linguístico.

Na Introdução desse trabalho, foi apresentada uma citação de Saussure que vale a pena ser repensada. Em seu trecho principal, o linguista suíço aponta que, a respeito dos preconceitos sobre questões linguísticas, “a tarefa do linguista, porém, é antes de tudo denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível”. Em seguida, apontamos

para trabalhos e obras que foram realizadas no intuito direto de responder ao desafio lançado por Saussure. A polêmica do livro didático e seu evento midiático podem ser considerados um “balde de água fria” na pretensão de que esse desafio estaria sendo respondido à altura pelos linguistas brasileiros. A reação extremada de parte da sociedade revelou altos graus de preconceito linguístico. Todos os trabalhos realizados no âmbito da sociolinguística nos últimos quarenta anos pareciam estar cercados por um muro intransponível, uma vez que nada do que tem circulado nos meios acadêmicos sobre o preconceito linguístico havia transpirado para fora desses meios.

A produção de vídeos de combate ao preconceito linguístico deve ser analisada a partir do viés desse desafio e de como respondê-lo. A primeira pergunta é se devemos aceitar esse desafio ou considerá-lo ou como uma causa perdida, tendo em vista os fracassos até o momento, ou como uma causa que não deve ser levada adiante por linguistas. Recusar o desafio é a solução mais simples. No entanto, tornar o meio acadêmico uma fortaleza de saber enquanto a sociedade não usufrui desse saber não parece ser uma atitude derivada de um ambiente que se diz científico e acadêmico. A difusão do saber faz parte do próprio caminhar da ciência e negá-lo é negar o próprio fazer científico. Considerar o desafio como causa perdida ou que não é tarefa dos linguistas respondê-lo leva à mesma contradição apontada acima: cria-se um distanciamento nada saudável entre o fazer científico e

a sociedade. Como, então, dar conta do desafio lançado por Saussure?

Um primeiro passo pode ser o reconhecimento de que os instrumentos até então utilizados têm sido inadequados para tal tarefa. O meio acadêmico tem se comunicado com a sociedade utilizando um instrumental que é inerente a ele, mas não a ela: o livro, pesquisas, linguagem acadêmica. Tudo isso leva a sérias restrições de circulação da informação. A produção de vídeos contra o preconceito linguístico, nesse sentido, não pode ser encarada como um evento isolado, lúdico, provocador. Se há provocação é no sentido de levantar a questão de como a demanda do próprio meio acadêmico em estabelecer uma comunicação com a sociedade pode ser satisfeita. Por isso, na segunda seção desse trabalho, essa produção de vídeos foi analisada segundo a perspectiva do aluno e do professor. Uma vez que se entendem os benefícios derivados desse tipo de produção para o processo de ensino-aprendizagem, tem-se uma real dimensão do alcance do que pode ser feito com a produção de vídeos.

Desse modo, a título de exemplo, a simples inserção da produção de vídeos como parte de avaliação de uma disciplina de Letras não satisfaz mais o grau de exigência que se tem desse tipo de produção em relação aos benefícios que dele se pode induzir. A produção de vídeos deve ser encarada como uma mecânica complexa, que envolve várias habilidades por parte dos alunos e do professor. No entanto, de principal,

podemos destacar a disseminação da ideia, entre os alunos, de que todos, não apenas os linguistas formados, mas os que estão em formação, são peças responsáveis na engrenagem de comunicação do meio acadêmico com a sociedade. Chamar o aluno à responsabilidade que ele tem perante o desafio lançado deveria ser parte de sua formação acadêmica. Responder a esse chamado deveria, por conseguinte, também ser parte dessa formação.

Nesse momento, podemos abordar o segundo tópico de discussão final: as condições de produção dos vídeos. Como apontado no parágrafo anterior, não se trata de considerar a produção de vídeos como algo “a mais”, uma novidade, para atrair os alunos para um determinado tema. Justamente por ter a ambição de responder ao desafio lançado por Saussure, a produção de vídeos deve se constituir como uma tarefa, um exercício à altura do que se almeja. Por isso, as condições de produção devem ser cuidadosamente observadas. Pontos como elaboração de roteiro e apresentação de etapas na produção do vídeo devem ser considerados como cruciais para um bom resultado. Criar grupos de discussão sobre temas de vídeos auxilia no amadurecimento de sua produção bem como evita erros e falhas que tenham acontecido com experiências anteriores. Ao fim e ao cabo, estamos diante de uma nova realidade de concretizar as relações de ensino-aprendizagem, em que a produção de vídeos pode estar servindo a diversas exigências

dessas relações e ainda acrescentar a resposta ao desafio lançado por Saussure.

Como consideração final, fica o destaque para que essa discussão possa ser veiculada da maneira mais ampla possível. É viável um vídeo sobre linguística ter acessos significativos, despertar interesses, estimular discussões de modo amplo e abrangente?²⁶ Tal consideração deve ser considerada como “profana” em relação aos ideais acadêmicos de cientificidade, seriedade e formalismo? Ou estamos diante de uma nova realidade, em que atores e temas novos são inseridos para dar conta de problemas que uma velha ordem acadêmica não conseguiu? Questões que, longe de estarem em aberto, estão próximas no horizonte de eventos que a produção de vídeos pode estar construindo a partir de agora.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, T., LIMA, R. Mais do menos: onde a exposição jamais esteve!. In: BERNARDO, S., AUGUSTO, M., VASCONCELLOS, Z. *Linguagem: Teoria, análise e aplicações (6)*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011.

BAGNO, M. *A língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo:

²⁶ Um vídeo produzido por alunos do primeiro período de Letras do segundo semestre de 2009 sobre a obra de Saussure (“Saussure para todos”) já alcançou mais de 4100 exibições em dois anos e é um dos primeiros resultados indicados para a busca “Saussure” no site YouTube.

Loyola, 1999.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2008.

CHARITY, A. Linguists as agents for social change. *Language and Linguistics Compass* 2/5, 923–939. 2008.

POSSENTI, S. *Língua na mídia*. São Paulo: Parábola, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1969.

SCHERRE, M. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SQUIRES, L., QUEEN, R. *Media clips collection: creation and application for the linguistics classroom*. *American Speech* 86(2): 220-234. 2011.

THEODOSAKIS, N. *The director in the classroom: how filmmaking inspires learning*. San Diego, Ca: Tech4learning Publishing, 2001.

THOMPSON, J. *Freshman Education Majors as Documentary Filmmakers*. In:

Mckinney, K., Jarvis, P. (eds.). *Selected scholarship on teaching and learning at Illinois State University 2004-2009*. Illinois: Illinois State University, 2010.

WOLFRAM, W. *Linguistic diversity and the public interest*. *American Speech* 75 (3), 278-280. 2000.